



Exposições curriculares do Curso de Museologia da Universidade de Brasília e a formação para a inclusão social

Monique B. Magaldi

Doutora, Ciência da Informação, Universidade de Brasília (UnB), Brasília, Distrito Federal, Brasil

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UniRio), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

<http://lattes.cnpq.br/4099412365622223>

monique.magaldi@unirio.br



Marijara S. Queiroz

Doutora, Artes, Universidade de Brasília (UnB), Brasília, Distrito Federal, Brasil

Universidade de Brasília (UnB), Brasília, Distrito Federal, Brasil

<http://lattes.cnpq.br/5070041632076159>

marijara@unb.br

Submetido em: 20/05/2023. Aprovado em: 10/04/2024. Publicado em: dd/mm/aaaa.

RESUMO

Compreende as exposições museológicas realizadas por meio da matriz curricular Museologia e Comunicação 4 do curso de graduação em Museologia da Universidade de Brasília, com destaque para as exposições com temas voltados para a inclusão social de pessoas negras, população LGBTQIA+ e corpos dissidentes. As práticas expositivas mobilizam estudos e pesquisas, objetos e lugares, pessoas da universidade, da cidade e do entorno e fazem das exposições curriculares importantes ferramentas de diálogo entre a comunidade acadêmica e a sociedade. Consideram-se aqui, os impactos dessas práticas de ensino na formação dos profissionais do campo dos museus e da museologia na perspectiva de uma sociedade mais inclusiva.

Palavras-chave: inclusão social; museologia; exposições; formação.

INTRODUÇÃO

As exposições museológicas curriculares¹, com curadorias voltadas à inclusão social de corpos dissidentes, constituem o objeto de análise deste artigo com base nas experiências e práticas de ensino no âmbito do Curso de Museologia da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília (FCI-UnB). Foram realizadas por meio do componente curricular Museologia e Comunicação 4 que, de acordo com sua ementa², tem como objetivo desenvolver procedimentos para realização de exposições museológicas com foco na elaboração do conceito ou questão a ser abordada na exposição e nas diversas possibilidades de interpretação do tema por meio da expografia.

O curso de graduação em Museologia da UnB foi inaugurado em 2008, mas o recorte temporal determinado pelos registros nos quais nos debruçamos nesta pesquisa compreende uma década dessa existência, de 2012 a 2022. Nesse período, um total de vinte exposições foram realizadas no âmbito da matriz curricular que contém a disciplina Museologia e Comunicação 3, na qual se desenvolve o conceito ou curadoria da exposição a ser realizada, na disciplina seguinte, Museologia e Comunicação 4.³

Com média de duas exposições anuais ou uma semestral, os temas apresentados apontaram reflexões teórico-práticas propositalmente inconclusivas para provocar a comunicação mediada por objetos ou coleções, linguagens e poéticas textuais ou visuais, materiais ou imateriais e o público de exposições. O movimento parte da análise para a síntese por meio dos estudos e pesquisas sobre conceitos e definições relacionados à curadoria e à expografia, bem como da seleção de objetos ou recortes temáticos, das formas de representação dos temas ou da produção de acervos e do desenvolvimento de diferentes técnicas de expor.

Para este estudo, foram selecionadas seis exposições que se relacionam pelo caráter sensível e emergente dos temas, pela capacidade de problematizar questões relevantes para o combate de preconceitos contra pessoas pretas, LGBTQIA+ ou com deficiências e a ampliação de olhares e compreensões que suscitem imaginar um futuro no qual a justiça social seja conduta e não lei ou apenas sonho.

As exposições em questão são: *Vossa Magestade* (2015), que apresentou movimentos culturais, artísticos e políticos de Drag Queens e Drag Kings com crítica ao binarismo de gênero; *Capilaridades: entre fios, raízes e identidades negras* (2016), discutiu a estética afro brasileira a partir dos cabelos e penteados como forma de afirmação de identidades negras; *Ultraje* (2017), tratou das identidades plurais e crítica ao binarismo de gênero por meio da

1 Ver repositório com informações sobre as exposições do curso de graduação em Museologia da UnB em: <http://www.exposicoesdamuseologia.fci.unb.br/colecoes/>.

2 Fonte: Projeto Político Pedagógico do Curso de Museologia da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília de 2022.

3 Exposições curriculares por meio da matriz Museologia e Comunicação 4 do Curso de Museologia da UnB entre 2012 a 2022: *Vem, vamos e agora?* em 2012; *Gerações, Brasília, mostre sua cara, E não foram felizes para sempre*, em 2013; *Ver [a] cidade e HoQ - Quadrinhos*, em 2014; *Vossa Magestade e Impressionantes gravuras*, em 2015; *Avôzidades, Arte à flor da pele e Capilaridades: entre fios raízes e identidades negras*, em 2016; *Ultraje*, 2017; *Se essa rua fosse mina e Meus Medos*, 2018; *02/09/2018: Quem lembra?*, em 2019; *Cotas raciais na UnB: na rota dos 20 anos* (2022); *Museu-o-que? museologia explicada, UnB, espaços de memórias e Mãos ao Alto*, 2022.

problematização da vestimenta não genericada; *Se essa rua fosse mina* (2018), sobre mulheres do hip-hop na cena musical do Distrito Federal; *Meus Medos* (2018), evidenciou os problemas relacionados à saúde mental da comunidade acadêmica; *20 anos de cotas na UnB* (2022), sobre a implantação da Política de Cotas Raciais nas universidades públicas do Brasil; e, *Mãos ao Alto* (2022), sobre a violência sofrida por corpos negros em abordagens policiais como consequência do racismo institucional das corporações e, portanto, do Estado brasileiro.

Selecionar exposições para análise de curadorias de exposições é um processo metacuratorial ou “um exercício de reflexividade ou de metamuseologia, ao pensar museologicamente a Museologia” a partir das matrizes curriculares de formação profissional para evidenciar, “por meio de abordagem quali-quantitativa sustentada em análise documental”, singularidades e desafios que impactam a formação museológica na UnB. Nesse caso, voltados para temáticas que abordam questões raciais, sexualidades e saúde mental (Gomes; Britto; Santos; Queiroz, 2022, p. 187).

As seis exposições selecionadas dentre as exposições curriculares foram divididas em três categorias de análise, quais sejam: questões raciais, gênero e sexualidades, e saúde mental, assim classificadas:

TABELA 1 – Exposições curriculares por categorias de análise

Categoria	Título	Tema	Ano
Questões raciais	Cotas raciais na UnB	20 anos do Programa de cotas raciais.	2022
	Mãos ao Alto	Violência policial contra corpos negros.	2022
	Capilaridades	Estética afro e identidade negra.	2016
Gênero e sexualidades	Se essa rua fosse mina	Mulheres no hip-hop no Distrito Federal.	2018
	Ultraje	Identidades plurais, crítica ao binarismo de gênero.	2017
	Vossa Majestade	Manifestações Drag Queens Kings, crítica ao binarismo de gênero.	2015
Saúde mental	Meus Medos	saúde mental no ambiente acadêmico	2018

Fonte: Tabela elaborada pelas autoras (2023).

Dentre essas, a exposição *Se essa rua fosse mina* (2018) compõe duas categorias de análise diferentes que se atravessam na interseccionalidade de raça, gênero e sexualidades, uma vez que as praticantes do hip-hop do Distrito Federal, entorno de Brasília, são mulheres negras, cis ou trans.

A pesquisa também compreendeu a metodologia de revisão de literatura e fontes documentais (impressas e digitais) sobre a formação em Museologia na UnB de modo geral, com atenção especial para as exposições desenvolvidas nos dez últimos anos (2012-2022). Essas exposições contam com o protagonismo discente nas decisões que envolvem seu conteúdo e forma. Ainda, foram analisadas informações baseadas em documentos e sites,

incluindo os repositórios institucionais e redes sociais utilizados durante a exposição. Devido às dificuldades para identificar as atividades digitais realizadas em cada exposição, alguns links foram agrupados e disponibilizados, em formato e tabela, com o intuito de facilitar o acesso às fontes documentais digitais (tabela 2) sobre as atividades realizadas pelo curso de graduação em Museologia da UnB.

TABELA 2 – A primeira década de existência do Curso de Museologia da UnB a partir das exposições Curriculares

1/2015	Vossa Majestade	https://www.facebook.com/Vossa-Majestade-867713393267752/	Galeria da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU)/ UnB	12 a 18 de junho de 2015
1/2016	Capilaridades	https://www.facebook.com/capilaridades/	Biblioteca central (BCE)/ UnB	07 a 15 de julho de 2016
2018	Ultraje	http://www.museologia.fci.unb.br/exposicaoultraje https://www.facebook.com/exposicaoultraje https://www.youtube.com/watch?v=aTAVsk_R0s0 https://www.youtube.com/watch?v=8Gry0bwssEI	FAU/ UnB	03 a 13 de outubro de 2017
2/2018	Se essa Rua fosse mina	http://www.museologia.fci.unb.br/exposicaooseessaruafossemina https://www.facebook.com/sessaruafossemina	FAU/ UnB	29 de outubro a 14 de novembro de 2018
1/2019	Meus Medos	https://www.youtube.com/watch?v=cFxtZvYZwx0&list=PLORQddMx6EKfMTQ9q_McpDhk6sC8uAUcq https://www.youtube.com/watch?v=vsdy4FQTVtG&list=PLORQddMx6EKfMTQ9q_McpDhk6sC8uAUcq&index=2 https://www.youtube.com/watch?v=hxW436X-aGw	FAU/ UnB	11 a 20 de junho de 2018
2/2021	20 anos das cotas raciais na UnB	https://www.facebook.com/profile.php?id=100082088593279 https://www.youtube.com/@cotasraciaisnaunbnarotados8713/videos	Online	2021
2022	Mãos ao alto		BCE/UnB	14 a 23 de setembro de 2022
2023	Corpos que resistem	https://www.correiobraziliense.com.br/divirtasemais/2023/01/5066515-cal-recebe-exposicao-de-artistas-que-refletem-sobre-as-minorias.html	CAL/UnB	2022

Fonte: Arquivo do curso de Museologia/UnB (2023).

Exposições museológicas e a museologia

De acordo com o Dossiê “90 Anos de Formação em Museologia no Brasil: experiências e tendências⁴, as exposições curriculares⁵, via de regra, desenvolvidas no âmbito dos cursos de graduação em Museologia no Brasil, são atividades teórico-práticas voltadas à realização de atividade de comunicação museológica. Entretanto, não se furtam em condensar os diversos saberes associados à teoria e à prática, seja no âmbito da conservação, da documentação, da pesquisa, da educação, dentre outras.

De acordo com a Política Nacional de Extensão Universitária, o Plano de Política Pedagógica do Curso de Museologia elaborado em 2022 estabeleceu como desafios a inclusão da extensão no componente curricular Museologia e Comunicação 4, de modo a assimilar as práticas desenvolvidas em diálogo com a sociedade como ações fundamentais para o processo de formação profissional e de produção do conhecimento. Nesse caso, a disciplina passou a se chamar “Exposição Museológica”, mas manteve a ementa inalterada, apenas trazendo o foco do ensino para a ação museológica por meio dos processos de produção da exposição que pode ocorrer em espaços alternativos às galerias e museus da cidade de Brasília e entorno.

Nesse sentido, em consonância com Gomes, Britto, Santos e Queiroz (2022, p. 205), consideramos que

A exposição museológica é o principal meio pelo qual os museus e os espaços museais enunciam seus discursos e constroem narrativas a partir da organização da informação [...]. Portanto, consiste em um dos desafios das exposições curriculares a propositura de narrativas cada vez mais diversas e inclusivas, visando a reparação histórica e a afirmação de identidades marginalizadas.

Assim, os temas que cercam a curadoria de exposições museológicas devem mobilizar reflexões que subvertem normas baseadas em poderes hegemonicamente instituídos, além de reconhecer e valorizar as diferenças culturais em busca de direitos baseados na justiça social. Segundo Mário Moutinho (1994, p. 4) “[...] expor é ou deveria ser, trabalhar contra a ignorância, especialmente contra a forma mais refratária de ignorância, a pré-concebida, o preconceito, o estereótipo cultural. ” Dessa forma, a exposição tem centralidade na comunicação, pois possibilita ou estreita a relação do público visitante com as pautas voltadas para a inclusão social.

Para compreender as perspectivas consideradas nas exposições museológicas, especialmente as desenvolvidas no âmbito das exposições curriculares, é necessário compreender a relação entre a museologia e os museus. O museu é o conceito fundador

4 Miranda, Rose Moreira. 90 anos de Formação em Museologia no Brasil: homenagens e reflexões. Organizadora. Museologia e Patrimônio: Revista eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS | Unirio e MAST - V, 15, nº 2, 2022.

5 Antes da criação dos primeiros cursos de graduação em Museologia no Brasil a realização das primeiras exposições curriculares, voltadas para os espaços museais acontecia no âmbito da disciplina de Museografia, do antigo Curso Técnicos de Museus, a partir da década de 1970.

do campo da museologia, pois a “[...] investigação sobre o conceito de Museu esteve [...] associada aos estudos teóricos da Museologia” (Scheiner, 2007, p. 147). Para tanto, no âmbito dos museus e, conseqüentemente, da museologia, as exposições demandam serem “[...] atraentes, motivadoras e envolventes, emocional e intelectualmente [...]” (Cazelli; Marandino; Studart, 2003, p. 3). Nesse sentido, a exposição é a forma de comunicação que, a partir da compreensão dos símbolos, “[...] transcende o mundo das palavras e penetra o mundo da linguagem” (Penteado, 2001, p. 2). Segundo Scheiner (2003, p. 5),

O Museu representa, analisa, compara, simula, constrói discursos específicos cujo principal objetivo é narrar, para a sociedade, as coisas do mundo e as coisas do homem. Desta forma, podemos entender cada exposição como uma representação de mundo de um determinado museu, num determinado momento.

O museu funda os preceitos da museologia, de modo que não podemos desconsiderar as transformações ocorridas, com o passar do tempo, sobre a própria ideia de museu, especialmente no que diz respeito ao seu papel social a partir da Declaração de Santiago do Chile (1972) e a compreensão de “museu integral”. Segundo Cruz e Souza (2020, p 67), o papel social dos museus, inicialmente abordado na 9ª Conferência Geral do Icom, realizada em Grenoble, França, em 1971, mobilizou reflexões que compreenderam os museus a partir das relações socioeconômicas incluindo “os processos de migração, a urbanização desordenada, a concentração de terras, o analfabetismo, a precarização do trabalho”, resultantes dos problemas acarretados pelo desenvolvimento.

Com base nesse entendimento, o museu assume “[...] uma sensibilização interdisciplinar sobre as necessidades das comunidades e sobre os problemas específicos em nível local, regional e internacional”. Daí as expressões “Museu Integrado” e “Museu Integral” considerando o distanciamento dos museus de questões voltadas para a desigualdade econômica e social, em especial na América Latina pós-colonização. Esse novo modelo conceitual de museu “mobilizado para maior integração à comunidade” representava o prenúncio do que “[...] poderia ter sido e poderia vir a ser o museu: uma ferramenta de enfrentamento e resistência à colonialidade pensado a partir da América Latina” (Cruz e Souza, 2020, p. 67).

No campo da museologia, a sensibilização quanto às desigualdades econômicas e sociais, especialmente na América Latina, tem repercutido cada vez mais, não somente no espaço dos museus, mas incluindo as relações de comunidades com as suas realidades locais, especialmente no que toca à preservação de memórias e patrimônios locais. Ainda na década de 1980, no que diz respeito à compreensão da relevância da afirmação de identidades de comunidades locais, surge o movimento da Nova Museologia, a partir da Declaração do Quebec (Moutinho, 1984).

O reconhecimento da Nova Museologia não se resumiu aos ecomuseus e incluiu “instituições ou ações que embasaram a sua atividade nas comunidades locais” em busca da afirmação de identidades, desenvolvimento local e democratização do fazer museológico (Moutinho, 2020, p. 24). Criada em 1985, durante o II Atelier Internacional de Nova Museologia

do MINOM-ICOM, a cátedra da Sociomuseologia surgiu como uma abordagem multidisciplinar “[...] do fazer e do pensar da museologia, entendida como recurso para o desenvolvimento sustentável da humanidade”. Como tal, a Sociomuseologia “[...] não é uma nova forma de denominar a Nova museologia. [...] É fundada entre as reivindicações referentes ao direito à memória e às políticas de desenvolvimento [...]”, especialmente comunitário (Moutinho, 2020, p. 25). Para melhor compreender essa modalidade, é necessário associar a memória ao território que impulsiona “[...] uma museologia ativa, popular e experimental [...]” (Moutinho, 2020, p. 198).

As exposições museológicas devem ser concebidas a partir de uma museologia indisciplinada, na qual os processos museológicos possam extrapolar “[...] as comportas dos museus institucionalizados [...]” para o surgimento de novos olhares que valorizem a diversidade cultural (Britto, 2019, p. 18).

TEMÁTICAS ABORDADAS

Nessa perspectiva museológica que compreende a importância das políticas de desenvolvimento por meio do direito à memória – a parte estruturadora e estruturante da sociedade que desejamos –, espera-se que as exposições museológicas sejam motivadas e motivadoras de reflexões sobre temas diversos, especialmente questões sensíveis e urgentes. Assim, a partir dos levantamentos e da identificação das temáticas abordadas em cada exposição aqui analisada, identificamos temas comprometidos com a inclusão social e os direitos humanos.

Questões raciais em exposições

As questões raciais estiveram presentes nas exposições curriculares do curso de graduação em Museologia da UnB, desde 2012, em diversas situações e de formas transversais a temas que abordaram democracia, cidadania, direito à memória e ao uso do espaço público. Esses são os casos das exposições *Vem, vamos. E agora?* (2012), *Brasília, mostre sua cara* (2013) e *Ver [a] cidade* (2014) marcadas, respectivamente pelas abordagens políticas dos movimentos de resistência e luta estudantis; identitária, por meio da pluralidade que forma o povo brasileiro, como recorte da sociedade brasileira, cuja diversidade é o maior legado para as futuras gerações; e artísticas, nas intervenções e poéticas visuais nos espaços urbanos.

De forma mais direta e assertiva, em 2015, a exposição *Capilaridade: entre fios, raízes e identidades negras*, expôs o debate sobre estética afrobrasileira e empoderamento negro. Considerou o cabelo como corpo político, com vistas a provocar reflexões sobre o racismo que padroniza a beleza com base na branquitude. De acordo com o texto de curadoria, a exposição propunha o cabelo como elemento estético “[...] dimensionado a partir da premissa de que a cultura, assim como as relações e construções étnico-raciais, é um meio dotado de

linguagem visual e corporeidade” (UnB, 2016, *online*). Para melhor compreensão da questão, o tema central – o cabelo – se dividiu em três eixos temáticos: corpo individual, corpo social e corpo político. Ainda:

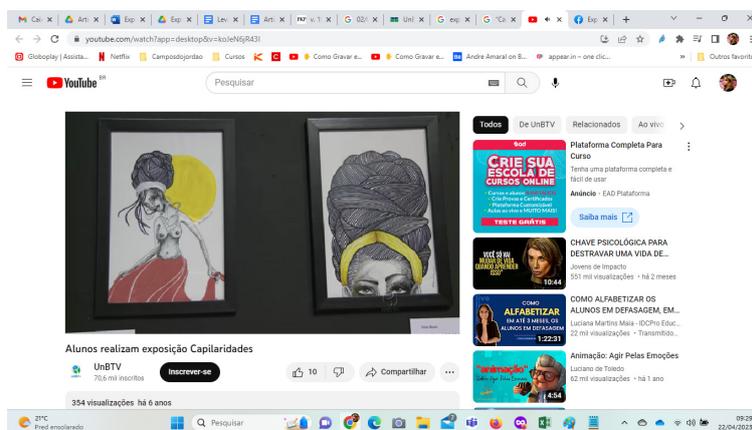
Os cabelos crespos, apesar de sua aparente objetividade enquanto fenótipo, representam diversos e distintos segmentos de discussões históricas do negro, suas identidades e tradições, sua representatividade, a busca por legitimação na construção e manutenção da autoestima e do protagonismo destes em suas diferentes lutas e conquistas⁶ (UnB, 2016, *online*).

O relatório da exposição, instrumento de avaliação da matriz curricular, observou que a dimensão estética, nesse caso, é marcada “pelo fenótipo capilar dentro de sua inerente diversidade” que é potencializada ao ser processada nos espaços de interação social.

FIGURA 1 – Cartaz divulgação da exposição *Capilaridades: entre fios, raízes e identidades negras*



FIGURA 2 – Obras que compuseram a mesma exposição



Fonte: UnB. Curso de Museologia. Relatório da exposição curricular, 2016. Disponível em: <https://capilaridadesmc4.wixsite.com/capilaridades>. Vídeo divulgação em: <https://www.youtube.com/watch?v=koJeN6jR431>. Acesso em: 22 abr. 2023.

6 UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. Curso de Museologia. Relatório da Exposição curricular “Capilaridades”- Disciplina Museologia e Comunicação 4. Faculdade de Ciência da Informação. Relatório (Digital). Brasília, 2016.

Uma década depois, em 2022, a exposição *Cotas raciais na UnB: na rota dos 20 anos*, foi desenvolvida em meio digital durante a pandemia da Covid-19 que provocou o distanciamento físico entre as pessoas. De outro modo, o distanciamento exigiu adaptação nas técnicas de expor e divulgar exposições inteiramente pensadas para o ambiente virtual, de modo a ampliar o alcance de públicos diversos, para além do público local. Eles foram convidados a refletir sobre preconceitos raciais, explícitos ou implícitos, presentes no padrão de beleza branca. O meio digital também possibilitou a difusão de letramentos antirracista para públicos dispersos em territórios distintos e diversos.

A expografia foi pensada em cinco módulos distintos que apresentavam a história da implementação das ações afirmativas na Universidade de Brasília nos últimos vinte anos, de 2002 a 2022. O objetivo foi ressaltar a importância da política de cotas para o ingresso acadêmico de grupos historicamente excluídos do ensino superior. O acervo da exposição foi diverso, contendo objetos/documentos desde as principais leis, decretos, portarias e decisões judiciais em formato digital que abarcavam a matéria no âmbito da Administração Federal, bem como depoimentos de ex-alunos/os (negras/os e indígenas) que têm sido contempladas/os pela Política de Cotas Raciais da UnB.

O *release* da exposição ressaltou o pioneirismo da UnB na adoção das cotas raciais e acrescentou informações referentes à produção de entrevistas e depoimentos de professoras/es que atuaram politicamente na mediação das demandas pautadas por coletivos negros e movimentos sociais antirracistas, externos e internos à comunidade acadêmica. A expografia fez uso de “imagens dos locais que serviram como pontos de acolhimento e pertencimento dos estudantes beneficiados pela referida política afirmativa” para recriar cenários virtuais de reocupação dos espaços por meio da memória. Foi o que ocorreu no Centro de Convivência Negra e na Maloca, espaços de acolhimento dos povos originários, ambos na UnB.⁷

Ainda em 2022, em consequência do repesamento de oferta da matriz curricular Museologia e Comunicação 4, a exposição *Mãos ao Alto*, também entrou no debate das questões raciais e, para isso, escolheu tratar da violência policial exercida sobre corpos negros, sobretudo de pessoas pretas ou residentes em regiões periféricas, tendo como ponto de partida para a análise o Distrito Federal. O objetivo foi provocar a reflexão sobre o racismo institucional presente nos sistemas de segurança pública e nas corporações militares, bem como denunciar, por meio da arte, o próprio Estado de direito que se omite diante das violações de direitos básicos. As fotografias dos artistas Júlio César e Thawan Dias questionam essa violência direcionada que afeta principalmente a população jovem e negra do país.

As fotografias de Thawan Dias pensam o corpo negro na dinâmica discricionária das abordagens policiais. São resultado da performance *Elemento* que “nasceu de um processo de indignação, pouco depois de uma experiência pessoal, em 2016, envolvendo abordagem policial no Rio de Janeiro”, cidade natal do artista, atualmente residente e domiciliado em

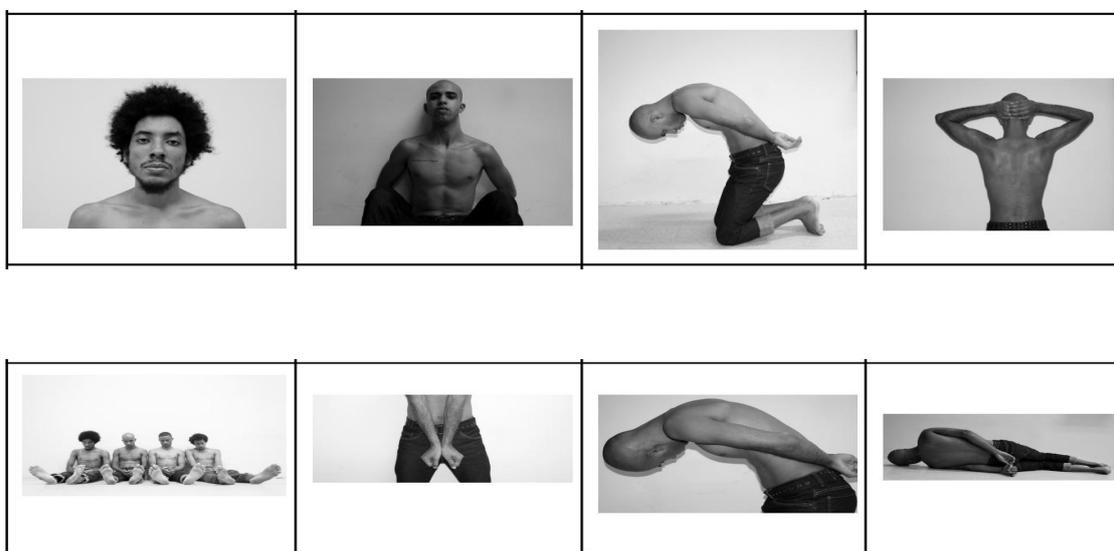
7 UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. Curso de Museologia. Relatório da Exposição curricular “20 anos de cotas raciais na UnB”- Disciplina Museologia e Comunicação 4. Faculdade de Ciência da Informação. Relatório (Digital). Brasília, 2021.

Porto Seguro (Bahia). De acordo com Thawan, “ter sido parado por ser negro foi um trauma que não rendeu só dor, mas profundas reflexões” sobre o racismo cotidiano que, nesse caso, enfrenta camadas de discriminação de gênero, sexualidade, classe e etarismo. Ainda,

A performance foi desenvolvida em estúdio e contou com pesquisa que reuniu “registros de entrevistas com policiais, conversas com jovens que já passaram por abordagens truculentas, imagens e vídeos da internet sobre práticas de aproximação policial e alguns trabalhos artísticos que servem de referência, como é o caso de “Cuidado com Neguin”, de Kelson Succi. Tudo isso para pensar a performance do corpo negro neste encontro marcado pela assimetria (Dias, 2022, p. *online*).

O método de produção da performance contou com outros jovens negros, além do artista, e o resultado pode ser expresso por multilinguagens artísticas que permitem a exibição em áudio, vídeo, instalações e fotografias. “Teoricamente o diálogo é como o conceito de filtragem racial de Geová da Silva Barros. A filtragem racial é quando uma pessoa é injustamente escolhida pela cor”. Parada ou correndo, suspeita ou criminosa, a postura ou movimentação corporal da pessoa negra é suficiente para a condenação que, por sua vez, justifica a condição de violência praticada.

FIGURA 3 – Performance *Elemento*



Fonte: Arquivo do Curso de Museologia da UnB (2022).

A fotografia de Júlio César denuncia a violência policial instituída pelo racismo estrutural do Estado, de modo a evidenciar as lutas e as diversas formas de resistência da população negra como reação ao genocídio de jovens nas regiões periféricas e favelas dos grandes centros urbanos. Intencionalmente panfletária, a fotografia de Júlio César aborda manifestações públicas em defesa da população negra com recorte para as pautas reivindicatórias estampadas em cartazes, faixas e gestos e expressões congelados pelo instante capturado.

FIGURA 4 – Fotografias de Júlio César⁸



Fonte: Arquivo do Curso de Museologia da UnB (2022).

O ano de 2022 foi o último da gestão de um governo negacionista no Brasil⁹ que assombrou a Organização Mundial da Saúde com o exercício de uma política genocida que contribuiu para o extermínio de mais de 600.000 brasileiros vitimados pela Covid-19. As pessoas economicamente desfavorecidas foram as mais afetadas pelas consequências da pandemia, dentre as quais e não por acaso, a maioria de pretas/os e pobres. Os aumentos acachapantes da fome, da violência, da criminalidade evidenciaram que a população negra compõe maioria dos afetados pela pobreza extrema consequente da política de gestão da morte. A necropolítica, conceito trabalhado por Achille Mbembe (2022), refere-se à expressão máxima da soberania e se manifesta “[...] no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer” (Mbembe, 2022, p. 5).

Ao contrário da busca de autonomia popular por meio de normas gerais, a ideia de soberania é um instrumento de dominação e massacre instrumentalizado e viabilizado por meio da guerra apoiada pelo Estado. A necropolítica é a adoção de um modelo político que justifique a guerra para dar legalidade à morte provocada, negligenciada ou antecipada. Ela diz respeito, principalmente, à colonização e aos colonialismos. É a suspensão de direitos políticos, o terror racista e a ascensão do autoritarismo até o último limite. É o medo da existência do “outro”, por si, uma ameaça. A política da negação define e justifica o estado de exceção e a violência direcionada a corpos específicos.¹⁰

8 Exposição curricular Mãos ao Alto na Galeria da Biblioteca Central da UnB, em setembro de 2022.

9 O governo do Brasil esteve sob gestão de Jair Messias Bolsonaro de 2018 a 2022.

10 Fonte: Projeto de exposição Corpos que Resistem, desenvolvida por meio da matriz curricular Museologia e comunicação 4 do Curso de Museologia da UnB, no segundo período de 2022 e realizada entre janeiro e fevereiro de 2023, na Casa de Cultura da América Latina da UnB.

Gênero e sexualidades em questão

O uso da necropolítica como modelo de gestão alertou para as camadas de discriminação que se inter cruzam e sob as quais se escondem o racismo, o machismo, a misoginia, a homofobia, o capacitismo e outras formas de discriminação que oprimem e violentam grupos socialmente marginalizados. Por isso, a busca por um mundo que valorize existências plurais, por motivações individuais ou coletivas, tornou-se pauta urgente nas políticas sociais da contemporaneidade. No centro do debate está o racismo, especialmente o racismo de gênero contra mulheres negras e trans que constituem a base da pirâmide social ou que margeiam os núcleos de poderes.

Nesse sentido, os estudos interseccionais de gênero, sexualidades e raça necessitam de maior atenção, sobretudo no que se refere às formas de coalizão para defesas de pautas politicamente importantes e comuns para quaisquer grupos que componham as camadas inferiores de discriminação social, ou seja, distantes do centro do poder branco, normativo - binário, hétero, homem, cis, escolarizado, proprietário³³ etc.

De acordo com Judith Butler (2018, p. 17), o termo mulher, ainda que no plural, utilizado para identificar uma identidade comum, tornou-se um problema, na medida em que se baseia em traços predefinidos de uma pessoa, os quais podem transcender, uma vez que a noção de gênero é produzida e mantida nas “interseções políticas e culturais” e, por isso, “nem sempre se constituiu de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos”. O gênero se relaciona de modo interseccional “com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas”.

A exposição *Se essa rua fosse mina* (2018), estabeleceu como tema central o movimento hip-hop no Distrito Federal, “voltado para o universo feminino”, de modo a chamar a atenção para a presença de mulheres nessa modalidade musical originária das ruas. Nesse sentido, a curadoria focou no tema gênero invariavelmente associado à categoria mulher, de modo a deixar implícita a participação de pessoas trans no recorte representativo elaborado para a exposição.

A expografia delineou a trajetória do movimento hip-hop desde a década de 1990 até 2018, com ênfase na “questão racial, social assim como a questão central a ser abordada: o papel dessas mulheres no universo artístico das ruas e também da academia”. O contexto social e econômico em que as artistas identificadas vivem demarca o cotidiano por meio de objetos pessoais narradores de histórias que alinhavaram as trajetórias artísticas. Vídeos e fotos de apresentações e performances musicais, equipamentos obsoletos, tutoriais de dança e música, áudios e manuscritos com letras de músicas, quadros com ilustrações e manifestos, o acervo foi apresentado em ordenamento cronológico fundamentado nas entrevistas e pesquisas correlatas.¹¹

11 Fonte: Universidade De Brasília. Curso de Museologia. Relatório da exposição curricular *Se essa rua fosse mina*. Disciplina Museologia e Comunicação 4. Versão Digital. Brasília, 2016.

FIGURA 5 – Logomarca da exposição “Se essa rua fosse mina”.



Fonte: UnB. Curso de Museologia. Relatório da exposição curricular “Se essa rua fosse mina”. 2018.

Em consonância com Judith Butler, a exposição *Vossa majestade* (2015) teve como objetivo principal promover reflexões por meio da problematização da identidade de gênero a partir do fenômeno Drag. Segundo o texto de apresentação da exposição:

Transitar por essas fronteiras e questionar as práticas normatizadas que convencionaram o binarismo masculino x feminino constituem esse complexo universo. Portanto, a exposição propõe uma reflexão sobre a construção social e categorização dos gêneros a partir das expressões performáticas dos componentes visuais e estéticos, do lugar de atuação e de fala, abordando também a trajetória histórica, política e o cotidiano desses *performers*. A concepção do tema se deu a partir de investigações acerca dos processos de montaria e performatividade, as diversas manifestações políticas, culturais e subjetivas de *Drag Queens* e *Drag Kings*, bem como às potencialidades do patrimônio cultural LGBTTT e o seu reconhecimento pelas instituições museológicas nacionais¹². (*Vossa majestade*, 2015)

A crítica ao padrão binário que determina gênero a partir dos sexos masculino e feminino esteve em cartaz na exposição *Ultraje* (2017) que propôs reflexões sobre a desconstrução de normas e padrões para o vestuário de pessoas. A problemática do ato de vestir como “possibilidade empoderadora de expressão desses novos modos de existir” das pessoas tem sido utilizada como transgressão geradora de novas identidades. Apoiados no conceito da pós-modernidade líquida, com base em Bauman, e de sexualidade fluida, a exposição questionou regras comportamentais impostas que violentam simbolicamente pessoas que não se enquadram no padrão. No relatório de avaliação da matriz curricular responsável pelo desenvolvimento da exposição, observamos que os discentes destacaram que a “[...] sociedade contemporânea ocidental ainda está pautada na imposição” de padrões heteronormativos que “[...] homogeneizam e dificultam a afirmação de novos modos de existir” (UnB, 2017).¹³

12 UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. Curso de Museologia. Relatório da Exposição curricular “Vossa Majestade”- Disciplina Museologia e Comunicação 4. Faculdade de Ciência da Informação. Relatório (Digital). Brasília, 2015.

13 UnB. Curso de Museologia. Relatório da exposição “Ultraje”

FIGURA 6 – Panorama da exposição *Vossa Majestade*, 2015¹⁴.



FIGURA 7 – Convite da exposição “*Ultraje*”, 2017¹⁵.



Fonte: UnB. Curso de Museologia. Relatórios das exposições curriculares.

Tanto na exposição *Vossa Magestade* quanto na exposição *Ultraje* as assimetrias e discriminações binárias heteronormativas são questionadas nas bases epistemológicas das identidades de gênero. Segundo Judith Butler (2018, p. 35).

A matriz cultural por meio da qual a identidade de gênero se torna inteligível exige que certos tipos de 'identidade' não possam 'existir' — isto é, aqueles em que o gênero não decorre do sexo e aqueles em que as práticas do desejo não “decorrem” nem do “sexo” nem do “gênero”. Nesse contexto, “decorrer” seria uma relação política de direito instituída pelas leis culturais que estabelecem e regulam a forma e o significado da sexualidade.

14 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aqyh1JYJnwU>. Acesso em: 22 abr. 2023.

15 Disponível em: <http://www.museologia.fci.unb.br/exposicaoultraje>. Acesso em: 22 abr. 2023.

Contudo, o direito culturalmente constituído não assegura a identidade de gênero por trás das expressões criadas para definir gêneros plurais, de modo que a “identidade é performativamente constituída pelas próprias ‘expressões’ tidas como seus resultados.” (Butler, 2018, p. 44). As exposições *Vossa Magestade* e *Ultraje*, além de problematizar gênero, elaboraram novas possibilidades de existências por meio de expressões livres de quaisquer significantes. Nos dois casos, o traje se destacou como componente de transgressão de normas e condutas pré-estabelecidas na matriz cultural.

Saúde mental como acolhimento

A exposição intitulada *Meus Medos* (2019) propôs refletir sobre “como o medo se apresenta no cotidiano daqueles que frequentam a Universidade de Brasília”¹⁶. Por tratar da saúde mental da comunidade da Instituição, o medo foi compreendido como resultado de diferentes situações vividas. Para abordar uma temática sensível¹⁷, foram selecionadas obras de arte, por meio de edital público, voltadas ao tema saúde mental. Além de obras de arte, foram disponibilizados espaços para recebimento de sugestões e memórias. A mediação tinha como proposta apresentar, de forma dialogada, reflexões sobre o tema, além de disponibilizar momentos de acolhimento e divulgar espaços da universidade voltados ao cuidado com a saúde mental.

FIGURA 8 – Logomarca da exposição: *Meus medos*, 2018.



Fonte: UnB. Curso de Museologia. Relatório da exposição curricular “*Meus medos*”, 2018.

Devido ao interesse pelo tema, a exposição foi convidada para ser exposta no Centro Cultural Renato Russo, em Brasília, entre os dias 20 de agosto e 29 setembro de 2019.

16 UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. Curso de Museologia. Relatório da Exposição curricular “*Meus medos*”- Disciplina Museologia e Comunicação 4. Faculdade de Ciência da Informação. Relatório (Digital). Brasília, 2018.

17 Foram igualmente realizadas conversas com psicólogos da Universidade, os quais orientaram para uma abordagem não violenta do tema, evitando-se situações que pudessem gerar sofrimento, ansiedade e angústia nos visitantes da exposição.

Inclusão social como direito humano

As exposições curriculares voltadas a temas socialmente sensíveis, enquanto processo, podem ser entendidas como inovações sociais.

A **inclusão social** visa o acesso aos benefícios de bens e serviços a públicos excluídos ou marginalizados pelas questões de preconceito, gênero, nacionalidade, deficiência e idade. A inovação social traz intrínseco ao seu próprio conceito a fluidez do seu propósito principal que almeja um bem maior à sociedade. Sua ação também visa contemplar demandas sociais de grupos mais vulneráveis, muitas vezes deixados em segundo plano pelo mercado ou políticas públicas (Kangerski *et al.*, 2022, p. 94).

As inovações sociais são “[...] atividades e serviços inovadores que são motivados pelo objetivo de atender a uma necessidade social” (Mulgan, 2006, p. 2), sendo as inovações sociais soluções para as necessidades sociais em prol da inclusão social (Dawson, 2010). A inclusão social atende aos princípios estabelecidos na Declaração dos Direitos Humanos, de 1948, reafirmados na Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural¹⁸, de 2002, que reitera o compromisso da “[...] plena realização dos direitos humanos”. Os direitos humanos “consistem em um conjunto de direitos considerado indispensável para a vida humana pautada na liberdade, igualdade e dignidade. Os direitos humanos são os direitos essenciais e indispensáveis à vida digna” (Tavares, 2017, p. 29).

A inclusão social tem como objetivo atender diferentes demandas sociais, incluindo temáticas sensíveis e emergentes em âmbito racial, étnico, econômico, de gênero e de sexualidades, e de acessibilidade¹⁹, entre outros.

As exposições curriculares podem ser entendidas como uma das ferramentas de formação de profissionais da cultura voltadas à conscientização contra situações de exclusão, segregação social, podendo ser pensadas como campanhas de conscientização sociais pelo processo de identificação das diferenças e diversidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os temas urgentes relacionados a questões raciais, gênero, sexualidades e saúde mental aqui colocados em destaque por meios das exposições curriculares da UnB demandaram uma cadeia operatória minuciosa desde a concepção do tema, passando pela curadoria de obras, elaboração de projetos executivos, produção de material gráfico, criação de identidade visual, desenvolvimento de sites e redes sociais, e alcançando a realização de ações culturais e educativas, o estudo de públicos, a elaboração de relatórios etc. Tais

18 UNESCO. Declaração Universal sobre a diversidade cultural. 2002.

19 BRASIL. LEI nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Lei Brasileira de Inclusão de Pessoas com Deficiências. Brasília, [2015]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 22 jan. 2023.

ações articulam conhecimentos de diversas áreas de atuação do profissional museólogo como a pesquisa, a documentação, a conservação e a comunicação, além de mobilizar objetos, pessoas e lugares.

De acordo com os casos aqui apresentados, com base em registros e documentos, podemos considerar que as exposições museológicas desenvolvidas por meio das matrizes curriculares do curso de Museologia da UnB impactam na formação pessoal dos discentes envolvidos no processo e invariavelmente repercutem na formação profissional. Os temas inovaram tanto na ética como na estética da abordagem, politicamente voltada à inclusão social de corpos dissidentes.

REFERÊNCIAS

BRITTO, C. C. “**Nossa maçã é que come Eva**”: a poética de Manoel de Barros e os lugares epistêmicos das Museologias Indisciplinadas no Brasil. 2019. Tese (Doutorado em Museologia) - Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2019.

BUTLER, J. P. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CAZELLI, S.; MARANDINO, M.; STUDART, D. Educação e comunicação em museus de ciências: aspectos históricos, pesquisa e prática. *In*: **Educação e Museu**: a Construção social do caráter educativo dos museus de ciências. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2003.

CRUZ E SOUZA, L. C. A Mesa Redonda de Santiago do Chile e o Desenvolvimento da América Latina: O papel dos Museus de Ciências e do Museu Integral. **Museologia & Interdisciplinaridade**, [s. l.], v. 9 n. 17, p. 64–80, jan./jul. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.26512/museologia.v9i17.30109>. Acesso em: 24 abr. 2023.

DAWSON, P.; DANIEL, L. Understanding social innovation: a provisional framework. **International Journal of Technology Management**, [s. l.], v. 51, n. 1, p. 9-21, May 2010.

DIAS, T. Universidade de Brasília. **Relatório da Exposição curricular “20 anos de cotas raciais na UnB”**- Disciplina Museologia e Comunicação 4 - Faculdade de Ciência da Informação. [Brasília: UnB], 2021.

KANGERSKI, F. A.; PRIM, M.; MACHADO, A. B.; DANDOLINI, G. A. A curricularização da extensão como oportunidade para promoção da inovação social e inclusão social. **Revista Inclusão Social**, Brasília, v. 15, n. 2, p. 86-97, jul./dez. 2022. Disponível em: <https://revista.ibict.br/inclusao/article/view/5891>. Acesso em: 2 abr. 2023.

GOMES, A. A.; BRITTO, C. C.; SANTOS, D. S.; QUEIROZ, M. S. Reflexões sobre a concretização da utopia: percursos e desafios da formação em Museologia na Universidade de Brasília. **Museologia e Patrimônio**: revista eletrônica do programa de pós-graduação em museologia e patrimônio, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, 2022.

MBEMBE, A. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Tradução: Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2022.

MIRANDA, R. M. 90 anos de Formação em Museologia no Brasil: homenagens e reflexões. (org.) **Museologia e Patrimônio**: Revista eletrônica do Programa de Pós Graduação em Museologia e Patrimônio, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, 2022.

MOUTINHO, M. C. A Construção do Objeto Museológico. **Cadernos de Sociomuseologia**, Lisboa, v. 4, n. 4, p. 7-59, 1994.

MOUTINHO, M. C. Apresentação. *In*: UNESCO. (org.). **Declaração de Quebec**. Lisboa: UNESCO, 1995. p. 52-58. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4508393/mod_resource/content/1/Declarac%CC%A7a%CC%83o%20de%20Quebec.pdf. Acesso em 23 abr. 2023.

MOUTINHO, M. C. Referências teóricas da Sociomuseologia. *In*: PRIMO, J.; MOUTINHO, M. (ed.). **Introdução à Sociomuseologia**. Lisboa: Departamento de Museologia Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2020. 552 p. Disponível em: http://www.museologia-portugal.net/files/introducao_sociomuseologia_10.07.2020.pdf. Acesso em: 22 abr. 2023.

MULGAN, G. The process of social innovation. **Innovations**, [s. l.], v. 1, n. 2, p. 145-162, 2006.

PENTEADO, J. R. W. **A técnica da comunicação humana**. São Paulo: Pioneira, 2001.

SCHEINER, T. Comunicação, Educação, Exposição: novos saberes, novos sentidos. **Semiosfera**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 4-5, 2003.

SCHEINER, T. C., Museum and Museology: definitions in process. *In*: MAIRESSE, F.; MARANDA, L.; DAVIES, A. (org.). **Defining the museum**. Morlanwelz: ICOM, 2007. p. 177-195.

TAVARES, A. R. **Curso de Direito Constitucional**. 15. ed. rev. atual. São Paulo: ed. Saraiva, 2017.

UNESCO. **Mesa-Redonda**: mesa-redonda de Santiago do Chile (1972): documento final do evento. Tradução: Marcelo Mattos Araújo, Maria Cristina Oliveira Bruno. Santiago: UNESCO, 1972. p. 43-51. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4508390/mod_resource/content/1/Mesa-redonda%20de%20Santiago%20do%20Chile.pdf. Acesso em 23 abr. 2023.

UNESCO. **Declaração Universal sobre a diversidade cultural**. [S. l.]: UNESCO, 2002. Disponível em: <https://www.oas.org/dil/port/2001%20Declara%C3%A7%C3%A3o%20Universal%20sobre%20a%20Diversidade%20Cultural%20da%20UNESCO.pdf>. Acesso em 22 abr. 2023.